



Emoriô! Suturas no tempo

Márcio Silveira dos Santos¹

Sobre a Dramaturgia

O texto *Emoriô! Suturas no tempo* é fruto da minha escrita durante a participação que fiz no Curso Dramaturgia Negra: a palavra viva, ministrado pela dramaturga Dione Carlos, durante o verão de 2020, promovido pelo Itaú Cultural de forma *online*. É possível encontrar nesse texto reverberações dos estudos e estímulos de técnicas de escrita e conceituação de uma dramaturgia negra a partir dos conceitos de “Escrevivência”², de Conceição Evaristo, e de “Performances da Oralitura”³, de Leda Maria Martins. A concepção da dramaturgia foi feita para ser encenada em qualquer espaço, fechado ou aberto, onde, de forma intimista, possa haver uma cena “encruzilhada” entre atriz e público, promovendo um acontecimento ritual-memorial-vivencial de sentidos.

¹ Ator, diretor, dramaturgo e professor. É Licenciado e Mestre em Artes Cênicas (PPGAC-UFRGS). Doutor em Teatro (PPGT-UDESC). Professor Substituto dos Cursos de Graduação em Artes Cênicas, Dança e Teatro, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS). E-mails: marccioss@yahoo.com.br - marciosilveira01@gmail.com.

² Esse conceito aparece em várias obras da autora.

³ Texto sobre o assunto disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11881>. Acesso em: 08 out. 2020.

Emoriô! Suturas no tempo

Muitas folhas secas pelo chão. Duas vasilhas grandes equidistantes separadas por um banquinho. Ao fundo um painel de tecido com muitas raízes pintadas, como que entrelaçadas, e fotos antigas, de pessoas, costuradas no painel. A atriz entra em cena vagorosamente. Circula o espaço do banquinho. Pisando nas folhas secas. Às vezes para e levanta um pé, passa a mão acariciando a planta do pé e sorri. Senta no banquinho e vai pegando folhas verdes de uma vasilha e vai costurando umas nas outras enquanto fala. Vai colocando a sequência de folhas costuradas na outra vasilha ao lado.

Atriz: *(Todo texto pode ser pronunciado com variações de tons e ritmos, que oscile representando várias fases da vida).*

Tenho... tenho... tenho um desejo. A mamãe e o papai eu conheci só quando criança pequena ainda engatinhando pelo chão. Vovó cumpriu a minha educação conforme queriam meus pais e antepassados. Criada solta no vento e feliz, conduzindo minha vida e meu sorriso. A gente plantava de tudo lá no morro. Tenho mãos boas pra receber novos fios de vida. Começou no susto e depois virou ofício de respeito. Se havia uma irmã prestes a viver aquele momento de chorar feliz, alguém vinha me chamar. Lá corria eu e mais as famílias da comunidade, reverenciar o novo fio de vida que chegava. Ó, eu perdi as contas sabe?! Recordo de ter contado uma vez durante uma semana umas cinquenta carinhas de choro vindo ao mundo por meio das minhas mãos. Eu pegava, enrolava num pano como um casulo e tinha o prazer de levar até a mãe e dizer “parabéns” e “obrigado”. Ora yê yê ô!

(Para de costurar e olha bem o público, volta a costurar)

Vocês não têm ideia da felicidade que é nascer muitas vezes na vida. Cada parto uma nova vida, uma nova alegria, uma nova luz que alumia nossos corações e se enlaça no fio da existência de nossa comunidade.

(Olha para alguém da plateia)

Emoriô filho! Você tá aí forte e vivo, né! Pois, mano, saiba que nem tudo é formosura nas estruturas da alma. Eu já vi muito atlântico vermelho viu. Não sai da minha memória aquele mar de sangue. Não, eu não estive lá, mas é como se estivesse, tá gravado na minha memória de tanto ouvir a bisavó contando o que ela passou quando criança. Daquelas dores no parto vinha a alegria que eu sentia no novo rebento que se somava a

resistência. Mas ao mesmo tempo sofria sem mostrar ao povo feliz em volta de mim. O sangue da cena me transportava pro sangue do oceano, num sabe?! Perdi as contas de ver corpo esticado no chão. Ver menino chegando em casa cheirando a pólvora e chumbo, empapado de sangue, só trouxe “desalegria” depois. Quero mais não! Quero mais não! O parto eu faço, mas aqui no morro deu dia de querer não mais ver fio de vida vindo ao mundo.

(Pausa. Levanta-se)

Quer saber por que, filha? Emoriô! Tá aí nas ruas é só olhar pros lados. Cidade vermelha! Cidade vermelha! O que mudou?! Eu me agarro nos fios do tempo, rememoro pra não esquecer, pra reavivar no outro o que não se pode esquecer pra não repetir a mesma atrocidade de ontem no amanhã. A vida não é um gabinete de curiosidades. O mundo é maior que o teu olhar pode ver, que a tua alma pode sentir, que o teu antepassado pode te deixar. Ó, tu aí que tá me olhando, se liga! Tem que ter um basta! Todas as pessoas têm um coração. Todos têm desejos. Eu tenho um desejo. Você tem um desejo. Nós temos desejos. E esses desejos das gentes são pra ser realizados se for um desejo que ajude na realização do desejo do outro e assim os desejos das gentes se fortificam, se unem num só desejo. Qual o teu desejo? Qual o meu desejo?

(Volta a sentar. Põe uma vasilha no colo)

Eu desejo não mais oceano vermelho, não mais cidade vermelha, não mais morro vermelho, não mais o sangue nas mãos de ninguém! Eu quero o vermelho vivo de novas vidas no fogo dos olhos. Emoriô filha! Olha, fortifica aí, fortifica aí, fortifica aí, emoriô!

A atriz terminou de costurar, levanta entoando um cântico carinhoso com a vasilha das folhas costuradas e entrega uma ponta a alguém da plateia e pede que passe aos demais, neste momento se percebe que só as primeiras são folhas verdes de árvores, pois depois surgem fotos ensanguentadas como suturas expostas, também ligadas pelo barbante retorcido como um cordão umbilical, que saem da vasilha. O público vai ficando com as mãos vermelhas de sangue. Ela vai saindo com seu cântico.

Fim

Submetido em: 09 out. 2020

Aprovado em: 22 dez. 2020